

As características do gênero demonstrativo em Cícero, Horácio e Quintiliano.

Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho

RESUMO: O presente trabalho é fruto de um ano de pesquisa acerca das características do gênero epidítico nas obras *De oratore* de Cícero, *Ars poetica* de Horácio e na *Institutio oratoria* de Quintiliano. Considerando que os três autores viveram em momentos distintos, tanto temporal como social e politicamente, tentamos mostrar a importância do gênero para os contextos e como o epidítico passou de marginalizado a essencial na Roma Antiga.

Palavras-chave: gênero epidítico; Cícero; Horácio; Quintiliano.

I. Introdução

O gênero demonstrativo, também conhecido como gênero epidítico, constituía um dos três gêneros retóricos antigos. Segundo o autor desconhecido da *Rhetorica ad Herennium* (I,2), esses gêneros retóricos eram o judicial, ou forense, em que o orador advogava em prol do acusado ou do defensor; o gênero deliberativo, em que o orador buscava aconselhar ou desaconselhar, muito usado no senado romano; e, por fim, o gênero epidítico, que era caracterizado pelo elogio ou pelo vitupério às pessoas e às coisas. Mais para frente, no período imperial, o epidítico começa a ser chamado também de panegírico, que é sinônimo de elogio, porém Roger Rees (2007, p. 136-137) explica que o panegírico era construído geralmente em versos, pois e fazia parte de um costume grego, já que este povo louvava os vencedores dos jogos em versos, enquanto o epidítico seria o termo usado em referência ao louvor em prosa.

Paulo Martins (2009, p. 195-197) afirma que, para elogiar, é necessário que o orador caracterize a pessoa segundo as virtudes aceitas na época, e, para vituperar, o orador deve caracterizá-la como viciosa.

Além disso, o epidítico é realizado no tempo presente, já que as virtudes e os vícios devem acordar com o que era ou não aceito naquele período que foi proferido o discurso, diferentemente dos outros dois gêneros. Por exemplo, no judicial, o orador defende ou acusa alguém sobre algo que ocorreu no passado, enquanto no deliberativo, a finalidade do orador é aconselhar sobre algo futuro. O epidítico também possui a finalidade de persuadir um número ilimitado de pessoas, diferente, também, dos outros gêneros que deveriam persuadir um juiz, no caso do forense, ou uma assembleia, no caso do deliberativo.

Das obras que pertencem ao *corpus* da pesquisa, duas são voltadas para as práticas e estratégias da oratória, sendo elas *De oratore* de Cícero e *Institutio oratoria* de Quintiliano. A terceira obra, a *Ars poetica* de Horácio, feita em versos, não possui essa finalidade de ensinar ao orador como discursar propriamente dita, mas auxilia o orador na identificação de vícios e virtudes recorrentes nessa prática, para justamente evitá-los. É importante sabermos que as três obras foram escritas em três momentos distintos: a de Cícero foi escrita durante a república romana, a de Horácio, na transição desse regime para o imperial e a de Quintiliano foi escrita no Império Romano consolidado. A ciência dessa distinção político-temporal auxilia na compreensão das obras, como veremos.

II. O epidítico no período republicano: *De oratore* de Cícero

Segundo Adriano Scatolin (2009, p. 6-7), Cícero, no *De oratore*, buscou escrever de maneira tradicional sobre a arte retórica, porém criticando os manuais de retórica que foram escritos antes do *De oratore*, como a *Rhetorica ad Herennium*, a *Rhetorica ad Alexandrum* e, inclusive, o seu manual, escrito anos mais cedo, chamado *De inventione*. Cícero procura mostrar no *De oratore* a carência nos manuais de retórica sobre as estratégias para se alcançar a eloquência na construção oratória e inova ao focar na figura do orador, e não do discurso, diferentemente dos manuais contemporâneos a este (2009, p. 17-20).

Scatolin ainda afirma que, como estratégias de afastamento da obra *De oratore* dos manuais, Cícero procura substituir as diversas nomenclaturas técnicas retóricas por paráfrases equivalentes (2009, p. 39), além de utilizar o “gênero dialógico romano”

(2009, p. 2) na composição da obra, ou seja, a obra é composta por um diálogo. Nele, os protagonistas são Antônio e Crasso, os dois melhores oradores contemporâneos a Cícero e que possuíam experiências no senado. Eles foram escolhidos, pois Cícero procurou personagens que mais se adequassem à prática oratória da época, tendo a consciência de que um personagem com mais ou menos autoridade influenciaria diretamente na recepção da obra pelos leitores (SCATOLIN, 2009, p. 16).

Cícero, então, mostra a divergência entre os personagens utilizados, sendo, para Scatolin, o pensamento de Antônio o que mais se aproxima do de Cícero. As qualidades de Antônio eram voltadas para a invenção, disposição e memória; e Crasso era considerado perfeito, já que mesclava seriedade e graça no discurso, sendo essas as características necessárias para a construção de um orador perfeito. Crasso afirma na obra que o elemento principal para o êxito do orador é a paixão, e Antônio refuta dizendo que não é necessário ter conhecimento sobre o temperamento dos homens, mas ter uma noção superficial de seu caráter (2009, p. 16). Outro ponto divergente entre os oradores está ligado aos gêneros universais: Crasso critica os manuais que não possuem essa explicação e Antônio afirma que essa é a função dos filósofos (SCATOLIN, 2009, p 40-41).

Como última ilustração dessa divergência entre os oradores protagonistas se encontra a melhor maneira de aprender a ser um orador. Antônio afirma que a melhor forma de aprender as práticas retóricas é escolhendo um mestre para imitar e assisti-lo discursar no fórum, isto é, se aprende melhor observando a prática e não estudando manuais. Já Crasso afirma que é necessário ter o conhecimento dos temas, a propriedade da fala e outros talentos para ser eloquente, citando, por último, a ajuda de um professor. Scatolin entende que, nesse caso, para Cícero, o necessário para se alcançar a eloquência seria a natureza, a imitação, a prática e, algumas vezes, a arte (2009, p. 50-52).

Na obra *De oratore* (II, 41-44), Cícero afirma a partir da fala de Antônio que este terceiro tipo de discurso, ainda que seja útil, é menos necessário, porém exalta o louvor fúnebre de Cátulo, interlocutor de Antônio nessa passagem, para a sua mãe. Em II, 49-50, Cícero explica que como o epidítico não buscava preceitos na arte, esse

gênero retórico era facilmente discursado pelos oradores, explicando a insignificância do demonstrativo diante dos outros gêneros. Em II, 69, ele afirma que nem oferecerá métodos para se discursar nesse gênero, pois quando se aprende o mais complexo – no caso, o deliberativo e judicial –, o mais fácil é feito sem dificuldade. Ainda reiterando o caráter irrelevante do epidítico na república romana, Rees (2007, p. 137) comenta que para Cícero, os gregos utilizavam os panegíricos para exibirem-se, diferentemente dos discursos deliberativos e judiciais que tinham uma aplicabilidade civil.

Porém, Cícero na obra *De oratore* (II, 347-349) reconhece a relevância do gênero demonstrativo dentro dos discursos judicial e deliberativo. Como ilustração desse uso, durante a guerra civil romana, Cícero faz uso do epidítico para elogiar as virtudes de Pompeu, porém, quando a guerra acaba e Júlio César triunfa, Cícero utiliza o louvor como auxílio na persuasão de seus discursos deliberativo e judicial.

Os discursos *Pro Marcellus*, *Pro Ligario* e *Pro Rege Deiotaro* ilustram essa ideia de um gênero dentro do outro. Segundo Susanna Braund (2012, p. 100-103), Marcelo, Ligário e o Rei Deiotaro também eram apoiadores de Pompeu na guerra civil, e, nesses discursos, Cícero enaltece a benevolência, sabedoria, autocontrole, clemência e misericórdia de César, deificando-o, já que estas eram características dos deuses. A autora também afirma que, apesar de escritos no período ainda republicano, esses três discursos são considerados como um protótipo do que viriam a ser os discursos do período imperial (2012 p. 106-108).

A prática retórica, nos períodos republicano e imperial, de uma maneira geral, serviu para reafirmar a mentalidade das gerações, isto é, confirmar e repassar o pensamento hierárquico existente (CORBEILL, 2007, p. 70). Smith e Dominik, em seu texto especificamente sobre o elogio e a censura durante a república (2011, p. 1-2), concordam com Corbeill e afirmam que a teoria retórica de Cícero tinha a finalidade de manter a ordem republicana existente no mundo antigo, os ideais de estabilidade, moral e cidadania segundo o estamento dominante. Ainda segundo Smith e Dominik (2011, p. 1-2), o vitupério era considerado um mecanismo que policiava as figuras políticas da época, fazendo com que elas não se desviassem dos ideais republicanos predominantes

– porque seriam censurados por isso. O vitupério, de maneira geral, é feito a partir da amplificação dos vícios, sejam eles do corpo ou da mente.

Aristóteles, em sua *Rhetorica* (1.9.5-6), afirma que para elogiar deve-se amplificar as quatro virtudes morais que passaram a ser, de certa forma, canônicas na sociedade grega e romana. Essas virtudes são a justiça, a coragem, a temperança e a sabedoria. Segundo a obra *Rhetorica ad Alexandrum* (3) deve-se amplificar tudo o que for positivo e minimizar tudo o que for negativo; e, para o autor anônimo da *Rhetorica ad Herennium* (3.15), o louvor deve ser voltado para as circunstâncias externas, ao corpo e à mente (REES, 2007, p. 137-138).

Já Cícero explica no *De oratore* (II, 45-46) que é fácil identificar o que será elogiado e que todos sabem o que é ou não digno de louvor. As características externas ao corpo que foram adquiridas graças ao destino não são louváveis, apenas as formas sábia, moderada e prudente como elas foram utilizadas. Além disso, parecem ser mais dignas de louvores atitudes em que o elogiado se coloca em perigo em prol de outra pessoa (II, 342-346). No livro III (201-211), Cícero ensina como agir ao discursar no epidítico, enfatizando a importância do tom de voz diferenciado, assim como palavras diferenciadas. Para se alcançar a persuasão no panegírico, Cícero continua, o orador deve amplificar as virtudes e o que for digno de louvor no elogiado, isto é, ele deve se alongar em certos tópicos que são fundamentais para o convencimento, buscando intensificá-los.

Outra utilidade que Cícero encontrou para o epidítico (II, 63-65) foi a sua importância na escrita dos historiadores. Ele comenta que os livros de história não deveriam ser escritos a partir dos gêneros judicial e deliberativo, porque eles possuem um tom de julgamento impróprio para o objetivo desses livros. Esses escritores deveriam compor seus livros a partir dos feitos dos grandes homens em ordem cronológica, se eles agiram com sabedoria ou temeridade, sendo o epidítico o gênero mais adequado para tal trabalho, pois é mais característico desse gênero prover leveza e fluência ao discurso.

O gênero demonstrativo começou a ser mais valorizado durante o período de transição entre a república e o império. Nessa época, a prática do patronato se tornava

comum entre os escritores. Segundo Richard Saller (apud BOWDITCH, 2010, p. 55-56), o patronato se caracterizava por três aspectos: a reciprocidade ou troca de serviços; a assimetria existente entre os estamentos sociais e a durabilidade dessa relação. A ideia de patronato seria a de uma troca entre o patrono e o cliente em que um beneficia o outro, sem a obrigação de ser retribuído, porém não era assim que acontecia. O patronato não era marcado por um contrato legal, apenas moral e social (LEITE, 2003, p.20). Enquanto o patrono garantia presentes, riquezas, apoio e proteção aos clientes, estes ofereciam aos patronos versos, louvores, companhia e alguma ajuda, se preciso fosse. Os patronos eram pessoas poderosas que possuíam influência na sociedade romana e que ajudavam aqueles que eram pobres, mas que podiam retribuir esses favores (LEITE, 2003, p. 21-22). O patronato durante o regime imperial funcionava como uma pirâmide: no topo estava o Imperador, que era o patrono dos patronos, e abaixo os patronos e seus clientes (LEITE, 2003, p. 26-27).

III. A *Ars poetica* de Horácio e o epidítico

Foi utilizada como fonte para o estudo do período em questão a *Ars poetica* de Horácio. A escolha dessa obra é explicada pela ausência de manuais que tratam especificamente da retórica e das estratégias oratórias na época. Horácio possuía Mecenas como seu patrono e, segundo Bowditch (2010, p. 58-59), o autor era filho de um escravo liberto e somente conseguiu independência financeira e oportunidades literárias quando entrou para o círculo de amizade de Mecenas. Este reconheceu a importância política da literatura para recriar uma imagem de Augusto. Horácio, no início da sua produção literária, mostra quão grandioso e sensato Mecenas foi ao confiar nele e que entre eles existia uma relação de amizade e confiança.

Apesar de as obras de Horácio não serem lidas como transparentes e verdadeiras, já que o autor escrevia de acordo com o público receptor (BOWDITCH, 2010, p. 53), era comum ele se autorrepresentar como independente de Mecenas, apesar da relação regulamentada pelas práticas do patronato que existia entre eles. Para ilustrar essa afirmação, Horácio recusa um convite de Mecenas (1.1) e sugere ter a sua dívida quitada com ele, não possuindo mais obrigações (p. 66). Horácio diz ainda, na epístola 1.7, que se ele aceitar os presentes de Mecenas, a sua liberdade ficaria comprometida, e

pediu para que Mecenas não o presenteasse mais e que o visse como igual (BOWDITCH, 2010, p. 66-69).

Após as epístolas, Mecenas quase não foi mais citado na produção literária de Horácio, pois este começou a louvar a grandiosidade de Augusto (BOWDITCH, 2010, p. 71-72). Quando Mecenas estava para falecer, ele pediu a Augusto que cuidasse de Horácio, (BOWDITCH, 2010, p. 73), sendo a vida deste toda marcada pelo patronato: primeiramente com Mecenas e, após, com Augusto. As obras de Horácio foram importantes, também, para a construção de uma imagem positiva de Augusto, no período em que Otávio se apropria desse nome e reorganiza a sociedade romana, escrevendo panegíricos que enalteciam seus feitos e legitimando a monarquia (BOWDITCH, 2010, p. 61-63).

Apesar de a *Ars poetica* não ser um manual de retórica, Horácio escreve 475 versos para a família dos Pisões (193-201) com dicas de como se portar e escrever. Nos primeiros 188 versos, Horácio comenta sobre como os oradores e poetas devem se comportar. Por exemplo, eles não devem abusar do poder de criação, não devem usar palavras e temas inadequados, devem introduzir o seu tema de acordo com a sua grandiosidade e deve ter também um semblante coerente com o que está sendo discursado, pois é mais difícil persuadir o auditório se nem o orador parece acreditar no que ele está afirmando.

No que diz respeito ao panegírico, Horácio (193-201) fala para a família receptora de sua *Ars poetica* que eles devem louvar os poetas moderados, as leis e a paz, além dos poetas que começaram a possuir a sua própria escrita, abandonando o modelo grego (285-288). Nos versos 333-340, Horácio reitera a brevidade que os poetas devem possuir e comenta que tudo o que for digno de louvor e glória deve se aproximar da verdade. Na *Ars poetica*, ainda, Horácio relaciona a arte com o talento, afirmando que elas não existem sem a outra. Por isso, ele garante que um poema feito pela união do talento humano com a arte merece louvor (408-411).

Santos (2000), ao analisar o monstro de que Horácio fala na *Ars poetica*, afirma que o autor valoriza a coerência do discurso em sua unidade e que as ações do orador devem se desenrolar sem perder de vista a finalidade principal da obra. Os autores que

não perdem isso de vista merecem louvor. A incoerência comentada pode ser entre os gêneros, entre os temas, entre as palavras ou entre as partes do discurso em si. Santos enfatiza que o orador deve saber usar os tópicos e as palavras. Essas palavras podem ser, até mesmo, irracionais ou arcaicas, se com elas o orador alcançar a racionalidade pelo contexto e encaixá-las no discurso como um todo. (p. 239-249).

Se um poema foi escrito com o intuito de elogiar alguém, o autor do poema não deve declamá-lo para o elogiado, pois ele se mostrará mais como um bajulador do que como um louvador sincero (426-433). Por fim, nos versos 434-437, Horácio adverte os poetas para não se deixarem enganar e enaltecerem aqueles que não são dignos de louvor e ilustra dizendo que os reis, por exemplo, adulam seus amigos com muitos vinhos, porém eles não devem ser elogiados apenas por isso, o motivo do encômio deve ser mais significativo.

IV. A *Institutio oratoria* e o panegírico no período imperial

Apesar do intenso patrocínio da literatura no período em que viveu Horácio, Roger Rees (2007, p. 142) afirma que os panegíricos em agradecimento ao imperador pelo consulado, embora fossem muito recorrentes na era augustana, não sobreviveram provavelmente pelo fato deles entediarem os ouvintes. Gianpiero Rosati (2006, p. 41), ao falar sobre a poesia encomiástica da era flaviana, período em que viveu Quintiliano, afirma que ela exercia um papel político-cultural a serviço do imperador.

O panegirista mistificava e divinizava a imagem do imperador e o seu mundo. Esse soberano influenciava até mesmo eventos naturais, como o clima e o tempo, e a relação existente entre o céu e a terra nos panegíricos reiteravam ainda mais a característica sobre-humana desse imperador. Ele alcança a divindade oficial quando morre, porém, enquanto isso não acontece, essa divinização é trazida para a terra, gerando a impressão de que os deuses vivem entre os homens. (ROSATI, 2006, p. 41-43).

Por conta disso, os panegíricos criavam na sociedade romana um sentimento de um local idealizado, sem agressões ou violências, com harmonia e benevolência. Além do sentimento de paz, o panegirista recriava uma imagem do imperador como o protetor

de todo o império, pois como este era soberano, todos o temiam, inclusive seus inimigos (ROSATI, 2006, p. 50).

Segundo Habinek, a partir do século IV a.C, a retórica começou a ser vista como uma habilidade que pode ser desenvolvida em contraposição com a concepção de que ela era um natural (2005, p. 38). A partir dessa concepção, a antropóloga Mary Helms (apud HABINEK, 2005, p. 53) afirma que os oradores não se preocupavam em buscar a veracidade do discurso, mas em seguir cegamente as normas impostas pela arte. Habinek também comenta sobre as considerações da antropóloga, afirmando que elas ajudam a entender a importância dessa concepção para o discurso no epidítico. Para ele, o objetivo do gênero era criar uma verdade e fazer com que ela seja socialmente aceita, por isso ele afirma que é através do panegírico que o imperador se torna socialmente significativo, e que, sem isto ele seria apenas um estranho no império que comanda (p. 53-54). Rosati (2006, p. 48) afirma ainda que o panegirista exerce a função de promover o imperador pelos seus feitos a partir dos eventos do cotidiano, mostrando que o panegírico possuía uma aplicação usual, diferentemente de como era visto durante o período republicano, em que somente os discursos judicial e deliberativo possuíam utilidade.

Quintiliano, na *Institutio oratoria*, ensina as estratégias mais relevantes para o discurso oratório no período imperial. Essa obra foi dividida em doze livros, mas é o terceiro o que mais foca no gênero epidítico. O autor comenta, em III, 3, 14-15 e em III, 4,4-9, que Cícero e outros escritores de manuais de retórica dividiram em três as argumentações do discurso: gratificação, conselho e julgamento, porém ele divide em duas: judicial e extrajudicial. As argumentações judiciais são aquelas utilizadas apenas no gênero forense, ou seja, na acusação e na defesa; já as extrajudiciais são argumentações próprias não somente do encômio e da censura, mas também da deliberação, isto é, do aconselhamento. Quintiliano parece elevar o panegírico ao mesmo nível do deliberativo, já que, durante a república romana, o epidítico era tido como inferior aos outros gêneros.

Quintiliano (III, 7, 15-22) afirma que o orador deve elogiar homens vivos, deuses, animais, objetos e cidades e ensina qual é o melhor método para compor esses

louvares. Ao louvar os homens, o orador deve falar sobre o seu local de nascimento, seus feitos, as qualidades internas e externas à mente, além da atitude desses homens quando se tem poder e riqueza. Quintiliano comenta que não é papel do orador elogiar os mortos, diferentemente do que era feito no período republicano, pois isso deve ser feito em vida, e, aos mortos, devem se fazer estátuas, criar decretos no Senado e honrál-os de outras formas.

Esse gênero para Quintiliano também é utilizado para ajudar na persuasão de outros gêneros. No judicial, por exemplo, as testemunhas devem ser elogiadas ou vituperadas para que o seu testemunho tenha mais ou menos credibilidade. Deve-se ter em mente, também, que é mais fácil persuadir o auditório com qualidades ou censuras que as pessoas aprovam. Na defesa, por exemplo, o panegírico é utilizado para mostrar as qualidades da pessoa acusada, mostrando a improbabilidade do crime ter sido cometido por alguém tão virtuoso, e embeleza o discurso.

O vitupério também é característica do gênero epidítico, porém ele é pouco comentado nas obras acima e mais comentado na *Institutio oratoria*, pelo fato deste autor ter escrito um manual mais abrangente. A maneira mais fácil de se alcançar o riso é pelo vitupério. Vituperar a aparência do adversário do orador no fórum, questões externas a ele ou até mesmo suas ações são dignas de riso, se discursadas com leveza e com os ornamentos característicos do panegírico (VI, III, 37). No livro oito, VI, 55, ele mostra que pode censurar um tema por meio de um elogio dissimulado ou elogiar algo ou alguém com o pretexto de denunciar, isso dependerá da habilidade do orador de fazer uso das estratégias do demonstrativo.

No livro onze, III, 102 e 164, Quintiliano alerta seus alunos para a leveza, suavidade, calma e serenidade dos movimentos coerentes com o elogio. Se o objetivo é denunciar, uma movimentação mais violenta é mais apropriada. Já no livro doze, II, 16, ele enfatiza que é fundamental que o orador saiba diferenciar o certo do errado, o honrável do não honrável para discursar, pois a moral e a ética filosóficas regulamentam a retórica. Por fim, Quintiliano diz em XII, 9, 6 que o orador não merece ser elogiado, mas a causa.

V. Conclusão

Podemos observar que as diferenças mais significativas se encontram entre Cícero e Quintiliano, já que eles viveram em períodos tão distintos. Horácio enfatiza o elogio sobre aqueles que discursam de maneira original, concisa e, principalmente, clara. Ele alerta os poetas sobre falsas amizades, para que eles não elogiem os que não são dignos de louvores. A obra de Horácio é importante para entendermos a mudança da mentalidade da sociedade romana que se intensificará ao longo do império.

Já Cícero e Quintiliano possuem a mesma opinião sobre a utilidade do elogio dentro de outros discursos, reconhecendo a sua importância. Porém, eles discordam em outros pontos. Para Cícero, o discurso é dividido em gratificação, conselho e julgamento, enquanto para Quintiliano a divisão é feita apenas em judicial e extrajudicial.

Durante o regime republicano, os oradores não possuíam o dever de elogiar os cônsules, por exemplo, já que estes não eram soberanos, e, por isso, louvavam os mortos. Já no período imperial, o panegírico era muito utilizado para louvar pessoas relacionadas à política e, principalmente, louvar o imperador pela sua soberania. Quintiliano afirma, então, que, no império, era tarefa do Senado criar decretos e esculpir estátuas para honrar os mortos.

Cícero alerta aos oradores para não vituperar o virtuoso, buscando o riso da plateia, enquanto Quintiliano afirma que é mais fácil fazer a audiência sorrir vituperando as ações do adversário com leveza e ornamentação, o que dependeria das habilidades do orador. Cícero fala que todos conhecem o que é louvável e Quintiliano reitera afirmando que são a moral e a ética filosóficas que regulam o que é elogiável.

Segundo Antony Corbeill (2007, p. 70), a retórica possuía, em qualquer época, a utilidade de estabelecer e afirmar os valores éticos, além de manter o interesse da ordem social romana, porém, essa ordem social e valores éticos se modificavam de acordo com o período estudado. Smith e Dominik (2011, p. 10), também, salientam que o epidítico dentro do discurso forense durante o período republicano poderia indicar os aspectos ficcionais e duvidosos desse discurso, enquanto o panegírico no período imperial

poderia indicar o medo que os oradores sentiam do imperador. Por fim, o panegírico, por revelar e criar uma alternativa da realidade, está longe de ser um gênero decadente e pouco importante entre os retóricos (HABINEK, 2005, p. 54), como geralmente se considera.

ABSTRACT: The research which this paper is based on looks at the different roles of the epideictic genre in Cicero's *De Oratore*, Horace's *Ars Poetica* and Quintilian's *Institutio Oratoria*. Since these three authors lived under different literary, social and political conditions, some of the goals of this paper are to show how the importance of the genre changed under each of those conditions and how essential the once marginalized epideictic genre came to be in Ancient Rome.

KEY-WORDS: epideictic genre; Cicero; Horace; Quintilian

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Famrhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

BOWDITCH, Phebe Lowell. Horace and Imperial Patronage. In: DAVIS, Gregson. *A Companion to Horace*. Malden: Wiley-Blackwell, 2010, p. 53-74.

BRAUND, Susanna Morton. Praise and Protreptic in Early Imperial Panegyric: Cicero, Seneca, Pliny. In: REES, Roger (Ed.). *Latin Panegyric*. New York: Oxford University, 2012. p. 85-108.

CORBEILL, Anthony. Rhetorical Education and Social Reproduction in the Republic and Early Empire. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Org.). *A Companion Roman Rhetoric*. Malden: Blackwell, 2007. p. 69-82.

HABINEK, Thomas. *Ancient rhetoric and oratory*. Oxford: Blackwell, 2005, p. 38-59.

HORACIO. *Arte Poética*. Introdução, tradução e comentários de R.M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.

LEITE, Leni Ribeiro. *O patronato em Marcial*. 2003. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MARTINS, Paulo. *Literatura latina*. Curitiba: IESDE, 2009.

REES, Roger. Panegyric. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Org.). *A Companion Roman Rhetoric*. Malden: Blackwell, 2007. p. 154-166.

RETÓRICA a Herênio. Trad. Ana Paula Celestino Faria & Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

ROSATI, Gianpiero. Luxury and Love: the encomium as aestheticisation of power in Flavian poetry. In: NAUTA, VAN DAM & SMOLENAARS. *Flavian poetry*. Leiden: Brill, 2006.

SANTOS, Marcos Martinho dos. O *Monstrvm* da *Arte Poética* de Horácio. Letras Clássicas, n. 4, p. 191-265, 2000.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero*. 2009. 308 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SMITH, C.J. & DOMINIK, W. Introduction: Praise and Blame in Roman Oratory. In: SMITH C.J. & CORVINO (eds.) *Praise and Blame in Roman Republican Rhetoric*. Swansea: Classical Press of Wales, 2011. p.1-15.

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria*. Transl. H.E. Butler. Cambridge, MA: Harvard University, 1996.

Data de envio: 14 de julho de 2014

Data de aprovação: 7 de setembro de 2014

Data de publicação: 15 de setembro de 2014